

O SALDO DO PT

13 ANOS DEPOIS

Avanços na área social ofuscados pela recessão e pelo aumento da taxa de desemprego. Uma das maiores bases de apoio já montadas no Congresso esfacelada por denúncias de corrupção e queda de popularidade do ex e da atual presidente. Um país que buscou o protagonismo no cenário externo à custa de constrangimentos em seu próprio quintal. Com quatro mandatos incompletos, o primeiro partido de esquerda a chegar ao poder no Brasil

após a redemocratização pode chegar ao fim prematuro com o possível afastamento de Dilma Rousseff do seu gabinete no Palácio Planalto. Nas próximas sete páginas, veja qual foi a herança deixada pelo Partido dos Trabalhadores em diferentes áreas de atuação do governo federal.

ECONÔMICA E SOCIAL

CADU CALDAS

cadu.caldas@zerohora.com.br

A utointitulado um governo de esquerda, com olhar voltado para os mais pobres, o PT se prepara para descer a rampa do Planalto deixando para trás um Brasil menos desigual: com menos miseráveis, menos desempregados e melhorias nas áreas de saúde e educação. Mas a crise política, desencadeada após sucessivos escândalos de corrupção, e a recessão da atividade econômica, a pior em 25 anos, ameaçam jogar pela janela boa parte dos avanços sociais conquistados ao longo de uma década.

Programas financiados pelo governo como Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida e ProUni ajudaram milhões de brasileiros a sair da faixa de pobreza. A queda expressiva na taxa de desemprego – que assegurou carteira assinada a trabalhadores antes relegados à informalidade –, porém,

to i o que garantiu a ascensão social de parte da população e até a formação de uma nova classe média.

– A classe C é filha dessa combinação: aumento da renda acima do PIB e da redução da desigualdade. Isso foi revertido pela primeira vez, desde a virada do século, no terceiro trimestre do ano passado, mas surpreendentemente ainda estamos próximos ao auge já alcançado – destaca Marcelo Neri, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e um dos maiores especialistas do país em estudos sobre desigualdade social.

Outrora criticado por adotar políticas assistencialistas, o governo utiliza os programas sociais como arma política: sustenta que, chegando ao

poder, a oposição deve fazer cortes nos projetos de assistência. Apesar de enfrentar pressão para redução de gastos, a presidente Dilma Rousseff evitou cortes bruscos nos programas. Mesmo assim, impactos foram inevitáveis. A demora no reajuste do Bolsa Família gerou perda de mais de 10% no poder de compra do benefício no último ano. Próximo do afastamento da petista, o governo anunciou aumento de 9,5% no benefício. Num recado de descontentamento, o secretário do Tesouro, Otávio Ladeira, disse que o Tesouro não via espaço fiscal para o reajuste.



VACAS GORDAS

Em 2010, Lula exibe amostra de óleo do pré-sal. A promessa de riqueza com petróleo catapultou a popularidade do presidente



A MÃE DO PAC

Dilma se cacifou para suceder a Lula ao liderar o programa de aceleração do crescimento



A FILA NÃO ANDA

Com a retração da atividade econômica, o Brasil fechou o primeiro trimestre com taxa de desemprego de 10,9%. São 11,1 milhões de pessoas sem trabalho

Um governo que girou no próprio eixo na economia

Inflação acima da meta, câmbio em disparada, juro nas alturas, desconfiança de investidores. Se o afastamento da presidente Dilma Rousseff for confirmado hoje à noite pelo plenário do Senado, o PT deixa o governo com indicadores econômicos muito semelhantes ao que encontrou quando chegou ao Planalto 13 anos e meio atrás. Os bons resultados obtidos no meio do caminho foram praticamente todos corroídos pelo descontrole nos gastos públicos e a forte recessão.

O cenário nem de longe parece aquele de cinco anos atrás, quando o Brasil passava pela crise internacional – que afundava as principais economias do mundo – sem grandes arranhões e crescia em ritmo acelerado. A situação que o país enfrenta atualmente, afirmam especialistas, começou justamente quando o governo continuou praticando – em período de calmaria – as mesmas medidas adotadas para evitar que as turbulências no Exterior chegassem ao Brasil durante a crise de 2008.

À época, o Ministério da Fazenda, sob a batuta de Guido Mantega, aumentou os gastos públicos, por meio de programas de investimento e de estímulo ao crédito, e reduziu impostos, impactando em queda na arrecadação. A fórmula, chamada de “nova matriz econômica”, funcionou em tempos de recuo na atividade econômica, mas acabou superaquecendo a economia quando ela já andava em ritmo adequado. Os resultados: aumento da inflação e do endividamento público, críticas de analistas estrangeiros e suspeita de investidores.

– São problemas parecidos com os enfrentados no início de 2003. Mas ser obrigado a percorrer um trajeto já feito ao longo dos últimos anos é mais doloroso. Passa a sensação de que paramos no tempo – afirma Anselmo Luis dos Santos, professor de economia da Unicamp.

A escolha de uma equipe de perfil liberal – Henrique Meirelles no Banco Central e Antonio Palocci, na Fazenda –, estratégia adotada por Luiz Inácio Lula da Silva no início da era petista para tentar garantir credibilidade com a iniciativa

privada, foi repetida em 2015 com o convite a Joaquim Levy para comandar as finanças do país. O plano era de que o economista, vindo do sistema financeiro (era diretor no Bradesco), realizasse um corte forte nos gastos públicos.

– Com o relacionamento do governo com o Congresso estremecido, pouco conseguiu fazer. A crise política já estava instalada – avalia Roberto Ellery, professor de economia da Universidade de Brasília.

Os desempenhos mais desastrosos ocorreram justamente em algumas das áreas mais caras para o governo petista: a indústria, os investimentos e a Petrobras.

A estratégia de utilizar o BNDES para liberar recursos com juros subsidiados a grandes indústrias não funcionou como esperado. Não conseguiu impulsionar investimentos privados e ainda ajudou a inflar a dívida pública. As pedaladas fiscais – argumento jurídico que gerou o pedido de impeachment – ocorreram em parte para disfarçar o grande endividamento causado pela expansão fiscal adotada. Hoje, praticamente todo o empresariado brasileiro, inclusive beneficiados pelo crédito barato oferecido pelo banco público, é crítico ao governo e ao aparente “pouco apreço” da administração do PT com o controle das despesas públicas.

Nada foi mais desastroso, porém, que a atuação petista no comando da maior petrolífera do país.

– O incentivo para tornar a Petrobras, uma companhia estatal, protagonista na economia brasileira foi uma armadilha que acabou por tornar a crise incontornável – comenta Gilberto Braga, professor de economia do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec).

Dragada pelo maior escândalo de corrupção do país, a empresa entrou em crise levando junto centenas de empresas fornecedoras, que tinham a petrolífera como principal cliente. Milhares de empregos afundaram com os investimentos cancelados. Pouco mais de 13 anos depois de o PT subir a rampa do Planalto, a sensação é de que, na economia, o governo petista girou em torno do próprio eixo.

A PRIMEIRA CASA EM NOVE DÉCADAS

Ilda de Lima Schaume tem 95 anos e há dois mora em um dos 160 apartamentos do condomínio Maria Gonçalves, no Partenon, construído com recursos do programa Minha Casa Minha Vida. Nascida em Lavras do Sul, no sudoeste do Estado, mudou-se aos 28 anos para Porto Alegre, onde se casou e teve três filhos.

Sempre trabalhou. Mas a condição financeira ruim na infância, que a impediu de estudar, nunca permitiu que a idosa tivesse salário suficiente para pagar as

despesas do dia a dia e ainda conseguir economizar para a compra de uma casa própria. Perto dos 50 anos, conta com orgulho, conseguiu o primeiro emprego de carteira assinada. Aceitou trabalhar como faxineira no turno da noite em uma escola para "ter os direitos."

Depois de aposentada, continuou trabalhando para completar a renda de casa. Agora, com a idade avançada, não consegue fazer muito esforço, mas não fica parada. Levanta cedo todos os dias, cozinha e limpa a casa, cuidando dos móveis "novos", comprados dois anos atrás com

apoio de outro programa do governo, o Minha Casa Melhor, que financiava até R\$ 5 mil para compra de mobiliário para residência. No final do dia, gosta de pegar a cadeira de praia e sentar em frente ao prédio para "olhar o movimento da gurizada".

– O governo não me deu uma casa, deu dignidade – resume.

